



REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

Vol. X

Março-Abril, 1947

N.º 27

SUMÁRIO

	Págs.
Editorial	131
<i>Idéias e debates:</i>	
PE. LEONEL FRANCA, Educação para a democracia	133
A. ALMEIDA JUNIOR, A propósito do ensino de direito nos Estados Unidos	142
MARGARET E. HALL, Da clínica de leitura em um sistema escolar	167
MARIA DOS REIS CAMPOS, Literatura infantil	178
LUIZ CIULLA, Menores anormais do caráter	187
<i>Documentação:</i>	
Mesa redonda sobre educação popular	206
Parecer da Comissão de Educação Popular do IBECC	248
A educação na Constituição brasileira	254
<i>Vida educacional:</i>	
A educação brasileira no mês de dezembro de 1946	256
A educação brasileira no mês de janeiro de 1947	270
Informação do país	284
Informação do estrangeiro	284

ATRAVÉS DE REVISTAS E JORNAIS: *Antônio Osmar Gomes*, Educação para a democracia; *Castro Barreto*, Varela, o reformador; *Carmen Pereira Alonso*, A dramatização como processo psicológico de ajustamento da criança; *Egon Schaden*, Trabalhos etnológicos na Universidade de São Paulo; *Alan A. Brown*, Que sabe você a respeito de hereditariedade?; *P. M. Bardi*, Técnica do museu moderno; *Henrique Roxo*, Problemas de higiene mental

288

Atos oficiais:

ATOS DA ADMINISTRAÇÃO FEDERAL: Lei n. 15, de 7-2-947 — *Dispõe sobre a realização de exames em 2.ª época do artigo 91 do Decreto-lei n. 8.531, de 2 de janeiro de 1946*; Lei n. 28, de 15-2-947 — *Dá nova redação ao art. 26 do Decreto-lei n. 4.073, de 30 de janeiro de 1942, e estabelece outras providências*; Regimento da Faculdade Nacional de Farmácia da Universidade do Brasil; Portaria n. 57, de 30-1-947 — *Expede instruções para execução do plano de ensino supletivo de adolescentes e adultos analfabetos*; Portaria n. 85, de 15-2-947 — *Regula o concurso vestibular para o ano de 1947*; Portaria n. 114, de 28-2-947 — *Aprova instruções para o funcionamento do Curso Avulso de Genética*

306

MENORES ANORMAIS DO CARÁTER (*)

LUIZ CIULLA

Tratando dos menores anormais do caráter, julgamos necessário delimitar algumas noções, e entre elas a da anormalidade.

Normal é tudo o que obedece a um determinado padrão que tomamos como medida, como norma.

Não iremos considerar o conceito de anormalidade do ponto de vista estatístico, nem matemático, nem idealístico, e tão pouco metafísico. Diremos simplesmente: anormalidade significa desvio da norma, do habitual, isto é, do tipo individual são e bem adaptado ao ambiente.

Enquanto na criança normal, o desenvolvimento é progressivo e harmonioso, no anormal é irregular, e não confere as possibilidades próprias de uma idade cronológica.

Os anormais constituem um grupo heterogêneo, compreendendo os portadores de deficit da inteligência, de distúrbios do caráter, de desordens sensoriais e motoras, de enfermidades diversas ou simplesmente de anomalias geradas pelo ambiente.

Decroly define como anormais, crianças que por uma razão qualquer se acham em estado de inferioridade e não se podem adaptar ao meio social.

Demoor, visando a um objetivo pedagógico, considera anormais as crianças que, em consequência de uma debilidade ou anomalia espiritual, não podem ser submetidas aos processos educativos ordinários.

Os deficitários da inteligência e do caráter são os anormais psíquicos. Dêfés devemos destacar os retardados ou falsos anormais, ainda conhecidos por anormais pedagógicos, cuja anormalidade decorre exclusivamente do fator mesológico.

(*) Transcrito do nº 178 da Revista do Ensino, de Minas Gerais.

1 - deficitários / intelec / caráter / anormais psíquicos
2 - retardados - falsos anormais / anormais pedag.

TEMPERAMENTO E CARÁTER

Caráter é o conjunto das possibilidades afetivo-volitivas do indivíduo. É o resultante não só das disposições hereditárias, como da influência dos fatores externos: ambiente, educação, impressões deixadas pelos sucessos dotados de forte carga afetiva.

A influência corporal deve ser considerada.

Pelo fundo constitucional, hereditário, o caráter impete o homem a um comportamento instintivo e é a intervenção censora do fator mesológico que torna possível sua vida na sociedade.

Destes dois fatores, o endógeno e o exógeno, resulta o caráter que denuncia, por sua vez, a conduta.

O caráter e a inteligência refletem a personalidade integral.

Não se confunda temperamento com caráter. O temperamento é a resultante funcional, dinâmica, da constituição. É a parte do psiquismo condicionada pela estrutura do corpo, através do sistema nervoso e da química do sangue e dos humores. Regula a escala da nossa sensibilidade, a modulação afetiva e o ritmo dos processos psíquicos em geral.

O temperamento depende da constituição e não é influenciado pelo ambiente.

VIDA AFETIVA DA CRIANÇA

Antes de alcançar a idade adulta, o homem atravessa três etapas sucessivas: a uterina, a familiar e a social. Nossa apreciação será limitada às duas últimas.

Já na primeira infância manifesta-se a tendência centrípeta da criança, de tudo absorver e tudo assimilar; é a fase capiativa e todas as coisas se integram no seu mundo. A própria mãe é seu alimento e sua felicidade. As satisfações são de ordem digestiva, o que não é de surpreender, considerado o crescimento e a assimilação como a tarefa capital do lactante. Do parasitismo materno, deita o menor a sua avidez sobre a família, porém como se trata de um organismo frágil, suas exigências são suportáveis. Persistindo este estado afetivo, ainda na idade adulta, as exigências serão inadequadas, chocantes.

A criança cresce, entra em contato com o ambiente, modifica-se pela sua capacidade imitativa e, reduzindo as tendências possessivas, faz pequenos sacrifícios; é capaz de gestos que beneficiam os circunstantes.

Esta nova faculdade centrífuga, de derramar seu interesse no ambiente, depende não só dos fatores atávicos, como da educação que lhe ministraram. A capacidade de sacrificar uma parte das tendências instintivas em proveito dos circunstantes,

traz o desenvolvimento afetivo do indivíduo e a sua adaptação social. É o que denominamos "resultante vital".

É na infância, quando se desenvolve e desperta a afetividade, que os pais, os tutores e os educadores devem canalizar todo o zelo. O desenvolvimento insuficiente da resultante vital gera indivíduos que não se integrarão na sociedade; daí o comportamento associal e o comportamento amoral.

Para viver em harmonia com a sociedade, o indivíduo deve chegar a tolerar a não-satisfação de muitos desejos. Haverá contrariedades por exigências de ordem material, moral e social.

A criança que manifesta uma perturbação global, quantitativa, de afetividade será uma atrasada, uma atrasada do caráter.

Mais vezes, entretanto, deparamos as anomalias qualitativas, por desenvolvimento insólito de uma tendência constitucional. Resultam os emotivos, os excitados, os deprimidos, os interpretadores, os perversos e tantos outros portadores de constituições mórbidas, cuja educação pouco inteligente ou desleixada permitiu o constante distanciamento da normalidade.

Faltando a influência benfeitora do ambiente, o caráter da criança seguirá rumo que as tendências instintivas imprimem.

REAÇÕES AFETIVAS DA CRIANÇA

Distinguimos duas ordens de reações: banais e anti-sociais.

Consideremos as primeiras.

A cólera aparece já nos primeiros meses e traduz-se por excitação psicomotora, gritos e violências. Intervém na cólera, ora fatores hereditários, ora a imitação, arrastando a criança à realização de atos verificados entre os familiares. Nos emotivos, particularmente, a contrariedade é a causa desencadeadora. Nos excitáveis ela é costumeira, porque estes se empolgam com facilidade. No histérico ela é calculada, visa determinado objetivo através um artifício. É chocante a desproporção entre o pretexto e a intensidade da reação no epi-leptóide.

Reação não desprezível é o ciume infantil. O irmão mais velho considera os menores como usurpadores do carinho que lhe é devido e mantém-se em constante inquietação.

O interpretador, movido pelo ciume, é capaz de uma hostilidade tenaz e sorradeira, enquanto o perverso entrega-se a reações violentas.

Agitação e indisciplina, não raro, são a réplica a imposições dos pais, tutores ou mestres exigentes.

A preguiça, pondo de lado os enfermicos, é habitual no deprimido constitucional, no perverso e no paranóico que intencionalmente abandona o trabalho, acreditando não valorizarem suficientemente a sua atividade.

O devaneio é próprio das crianças de manifesta tendência à introversão. Muitas vezes, torturados por uma inferioridade, refugiam-se no devaneio compensador. Perdem o contato com a realidade, buscando satisfação num sonho de ambição.

E tão frequente a mentira na criança que não a consideramos anormal sem sopesar a sua frequência, a sua premeditação e, particularmente, a severidade dos que exercem a tutela do menor. A mentira banal está a serviço de simples galhofice ou vaidade desprezenciosa. Outra é a mentira utilitária, na qual a criança procura fugir a castigos ou pretende conseguir compensações.

Fabulação é mentira patológica; nela a criança narra cenas fantásticas, episódios romanescos e sucessos extravagantes, porém aí há algo de sincero, pois ela vive as suas mentiras.

Por vezes a mentira levanta problemas de ordem médico-legal; tal se dá com a tagarelice comprometedora, a auto-causação caluniosa dos escrupulosos e dos sugestionáveis e a simulação de enfermidades e atentados.

Lembramos ainda como reações banais o mutismo do teimoso, o recolhimento do emotivo pusilânime e o silêncio impertinente do interpretador.

As reações anti-sociais põem-nos de modo não raro em face de situações jurídicas.

O excitável foge num dos arroubos próprios do seu humor elevado e o emotivo pelo terror do castigo; o instável, para aventurar ou furtar-se a uma tarefa monótona, contraria ao seu feitio buliçoso, e o epilético, movido por impulsões. Foge o perverso por delicto, com um objetivo utilitário e o paranóico por revolta, enquanto o débil foge por motivos fúteis.

O roubo nem sempre revela perversidade, pois o epilético e o débil poderão praticá-lo numa impulsão; o último talvez por uma finalidade altruística. Nos perversos, a repetição do roubo poderá constituir a cleptomania. É uma noção que deve ser limitada, para não desculpar abusos, considerando-a delicto bem caracterizado.

Há roubos de utilização imediata e curta, "vol de jouissance", tais os roubos de bicicletas, automóveis, botes, etc., abandonados apenas realizada uma satisfação inocente.

Golpes, ferimentos, incêndios, depredações são a consequência da impulsão do débil ou do epilético, ou da maldade do perverso.

Haverá sempre o maior cuidado nas repreensões e sanções a impor ao deprimido e ao emotivo, temendo que a amargura os leve ao suicídio.

O perverso e o débil são menores delinquentes da sexualidade.

A CRIANÇA E O MEIO

O caráter da criança está sujeito a constantes oscilações dependentes do temperamento e da influência do meio. E duas reações dominam o seu procedimento: a imitação e a oposição.

A situação social dos pais, sua moral, seus meios pecuniários, são fatores de importante influência. As desinteligências dos pais são aproveitadas pelo menor para impor suas exigências. Se o pai assume atitude passiva, buscando calma na família, o pequeno dêle se vale para conseguir o que a severidade materna recusa.

A adulação e o carinho são suas armas habituais.

Na separação do casal sabe explorar arditamente a preferência dos pais e, em face de um novo casamento, levanta uma barreira de ódio, rebelião ou recolhimento angustioso.

Seguindo o exemplo paterno, o menor poderá ser um tirano para a mãe.

A excessiva ternura dos avós e dos pais idosos prepara, tanto quanto a severidade, um terreno propício ao desenvolvimento das psicose neuroses.

A criança exerce uma vigilância silenciosa junto aos pais. Se de início lhes votam fervorosa admiração, à força de esperitá-los, assistir suas rixas, medir suas mentiras, chegam à decepção e ao conflito interior.

A atitude das crianças para com a criadagem, os companheiros e os animais domésticos, denuncia suas inclinações perversas.

A passagem do menor, do seio da família, para a escola vem pôr em destaque muitas outras perturbações afetivas.

As oscilações do humor do ciclotímico fazem do estudante entusiasta o indisciplinado ou o apático. Os perversos são nefastos, porque abalam a moral dos companheiros com as suas maldades e, mais ainda, com os torpes esclarecimentos da sexualidade.

O tímido cai no isolamento por temor das chacotas nascidas do seu embaraço. O interpretador querela por qualquer

nonada a professora o persegue, os companheiros não lhe dispensam a consideração merecida; e reage orgulhosamente com o descaso nas lições e temas. O sonhador, solitário, vive tecendo suas quimeras, alheio à realidade. O epileptóide impetuoso usa nas agressões uma violência desproporcionada à causa.

A influência dos companheiros é sensível e formam-se os grupos de turbulentos, de pervertidos e de vadios.

Deixando o aprendizado elementar, entram a sopesar o nível social. Há os de sociabilidade eletiva, os censores dos defeitos físicos e os que menosprezam os de condição modesta. E são novos conflitos que se asservam na alma dos desfavorecidos. A petulância dos meninos ricos e dos filhos de figuras, simpáticos aos docentes, espalha a animosidade na classe. A influência dos jornais infantis, das novelas policiais e do cinema, traz resultados espantosos, quando o menor procura identificar-se com o seu herói.

TIPOS CLÍNICOS

A expressão anormal do caráter reúne um grupo polimorfo de menores, cujo comprometimento da afetividade os impossibilita de seguir os métodos educativos da escola regular. O critério aceito nesta delimitação é médico-pedagógico, pois é na idade escolar que se tornam patentes as anormalias do caráter.

A criança, afastando-se da família, entra em contato com novas situações.

Nêles encontramos menores normais do ponto de vista bio-psíquico, mas que uma educação falha ou viciada permitiu a dominância das reações instintivas: são os anormais ambientais, os anormais pedagógicos.

Noutros intervêm elementos atávicos, moléstias intercorrentes, a par de uma educação inadequada. São os verdadeiros anormais do caráter, pois a personalidade foi interessada na sua estrutura.

As características dêstes últimos anormais são a desarmonia psíquica, os distúrbios afetivo-volitivos e a conduta inadaptada, chocante, frequentemente anti-social.

Classificá-los é difícil, porque podem exibir as mais variadas reações e a maioria dos autores contenta-se em enumerar as formas que lhes parecem melhor individualizadas.

Alguns manifestam de maneira exagerada, as características próprias de uma constituição mental definida. Tais os

emotivos, os esquizóides, os ciclóides, os mitomaniacos e os paranóicos.

Nem todos os consideramos anormais, são entes fronteiriços, porque a constituição mental para cada modalidade admite uma longa escala que vai do normal ao anormal.

Outros, e talvez os mais populares, são as personalidades psicopáticas, ainda conhecidos por desequilibrados ou degenerados atípicos.

Dêstes dois grupos destacamos um terceiro, cuja anormalidade é função exclusiva do meio. Nêles a reeducação conta com êxitos insuspeitados.

ANORMAIS PEDAGÓGICOS

Anormais pedagógicos são crianças que não podem frequentar as classes ordinárias em virtude do abandono ou má influência que sobre elas exerceu o ambiente.

Pais, tutores, governantes, educadores são os responsáveis pelo retardamento dêstes menores, considerados normais até cinco ou seis anos, quando, ingressando na escola, se torna evidente a sua inferioridade.

Estas crianças, como não tenham o cuidado dos pais, cedo são abandonadas aos seus caprichos: entregam-se à vadiagem, tomam companheiros maus e frequentam rodas de baixa moral. Outros, porque os pais temerosos que os filhos apanhem alguma moléstia na escola, ou porque os conservam como flores de estufa em casa, assistidos por professores de métodos maleáveis, ingressam tarde na escola e irão estranhar os princípios e métodos de educadores severos e não se acomodarão à nova ordem.

Em suma, são crianças cujo psiquismo normal foi desvirtuado por uma educação mal conduzida ou falha.

Estes "retardados" são só descobertos lentamente na escola, pois se vêm atraídos no princípio pelas novidades que proporciona o novo ambiente.

Quando já habituados, enfaram-se e reagem contra o novo sistema de educação, porque o acreditam mau, intolerável, excessivamente rigoroso, e em particular, se o professor não despreza os castigos.

Pouco e pouco, abandonam a atitude de protesto e recotem-se na improdutividade, seguindo duas diretrizes diferentes, concordes com o próprio temperamento. Uns tornam-se apáticos, indiferentes à escola, aos mestres e pais, e são conduzidos desde então passivamente, sem protestos; incapazes de um esforço intelectual, ignorantes. Outros abandonam os estudos, defendendo-se na insubordinação; tal é a arma com

que investem contra o professor e a família. A assistência escolar é irregular e a produção péssima. Não se sujeitam à ordem estabelecida na escola, exemplificam mal e perturbam a classe. Torna-se difícil a permanência em classes ordinárias; são expulsos e poderão perverter-se, apresentando reações anti-sociais alarmantes.

Isolamos, assim, dois tipos de anormal pedagógico: o apático e o indisciplinado. Na família são crianças mimadas, filhos de pais nervosos ou idosos ou tão ocupados com as suas atividades sociais que não encontram tempo de dispensar o cuidado necessário aos filhos.

Entre estes "retardados" devemos incluir os deficientes que frequentam a escola de maneira irregular pelas suas constantes enfermidades.

HIPEREMOTIVOS

Todos conhecem o emotivo pela extrema sensibilidade e pela insuficiência de inibição motora, reflexa e voluntária, a condicionar reações anormais na vivacidade, extensão e duração.

A criança que se perturba quando interrogada, o ouvinte que chora à leitura de uma bela poesia, o cidadão que vibra à passagem da bandeira, são exemplos da vida quotidiana.

A emotividade habitual da criança vai se atenuando na idade escolar; e não devemos considerá-la uma anormalidade.

As manifestações da hiperemotividade são a timidez, a expectativa angustiada, a inquietude, a gagueira, as explosões de cólera em fogo de palha, o choro fácil e as inibições. Rubor, tremor, intransquilidade motora e distúrbios sudorais completam o seu quadro. Na escola, a timidez do menor é explorada pelos companheiros que o levam ao ridículo, a propósito de cada gesto menos feliz. Daí a atitude de recolhimento que assumem, pois longe do convívio dos colegas sentem-se tranquilos.

Uma palavra áspera, uma repreensão ou um castigo exacerbam a perturbação do menor que num ímpeto de desespero, num "raptus" ansioso, foge e quiçá se suicida.

O hiperemotivo é por nascimento mal preparado para a vida, vive em constante inquietude, assaltado por dúvidas.

A fadiga, a inanição, os excitantes, a tensão elétrica da atmosfera e os traumas afetivos reforçam a emotividade.

A ansiedade é o paroxismo da emotividade, um sentimento penoso de expectativa, trazendo perturbações que comprometem todo o psiquismo. Da esfera afetiva ressalta a insegurança da inteligência, a dúvida — e da esfera volitiva a irresolução.

O ansioso treme, balbucia coisas desconexas, tem o olhar esgazeado e a necessidade de se desafogar na agitação; outro banhado em suor, imóvel, apresenta uma fisionomia dolorosa, derrotado por sentimentos de aniquilamento.

O ansioso está em constante tortura, porque luta com duas forças antagônicas, uma astenizante e outra deprimente: a primeira o leva à excitação e a segunda, à inibição, à defesa cujo tipo ideal é a fuga.

Diante de um perigo real o indivíduo normal é um ansioso, o emotivo, porém, entra em ansiedade porque concebe um perigo imaginário.

A ansiedade tem seus equivalentes na irritabilidade, na vertigem, na insônia e na astenia.

O "trac" é a ansiedade menor, que sobrevém em determinadas circunstâncias nos emotivos. É um estado de expectativa sub-ansiosa. A história é rica em referências, desta natureza: oradores ilustres e artistas célebres conheceram o "trac" num empreendimento difícil ou num risco de responsabilidade. Caracterizam-no o tremor generalizado, a taquicardia, a palidez, a frialdade das mãos, a secura da boca e a terna sensação de febre.

HISTERIA

A histeria tem conhecido toda sorte de vicissitudes, remontando sua memória à antiguidade helênica. Platão formulou o conceito que deveria se arrastar por incompreensão, e talvez malícia, até os nossos tempos: "nubat illa et morbus effugiet".

As epidemias de danças, as demonopatias da idade média, os possessos, os convulsionários e os clientes do magnetismo mesmeriano atestam a existência e a apresentação multiforme deste mal.

Já no século XVII, Lepois a elevava à categoria de moléstia nervosa e a histérica veste uma roupagem científica.

Charcot, depois de lhe conferir uma teoria anatomo-fisiológica, a situa entre as moléstias mentais, empresta-lhe rica sintomatologia, mas não reconhece os seus caracteres artificiosos.

Babinski faz-lhe crítica severa e aventa o papel primacial da sugestão e a possibilidade da cura pela persuasão. Enfim, Freud retomando os estudos da histeria, lança a sua sedutora e empolgante "teoria do recalçamento". Mostra como somos vítimas das circunstâncias e da educação que refreia nossas tendências e aspirações.

Freud descobre o recalçamento das tendências sexuais nas nevroses e psicoses. Por seu caráter excessivo, o pansexualismo do psicólogo vienense torna-se chocante. Não se pode negar o papel da sexualidade em tôdas as idades, mas seu exclusivismo não é admissível, tantos são os anseios que movem o homem.

Hoje, encaramos o histérico como um psicopata portador de uma constituição particular, a constituição histérica ou mitomaniaca, já patenteada na infância.

Egoísmo, vaidade, sugestibilidade exagerada, labilidade afetiva e marcada vocação à ficção, constituem as suas características.

Basta uma situação difícil ou um conflito interior para que o mitomaniaco manifeste reações de caráter psicótico. O histérico tem maneira anormal de reagir em face dos estímulos da vida, pois falta-lhe valor ao enfrentar a realidade com o seu cortejo de asperezas.

Na família, a criança mitomaniaca manifesta o seu zelo em ganhar a piedade e a afeição dos pais e da "entourage" encontrando um recurso fácil na alegação de enfermidades imaginárias. Há um desejo inquietante de fazer sofrer os circunstantes. Na escola são caprichosos, sucetíveis, de imaginação fantasiosa, pouco sinceros, apresentando, sempre que se lhes oferece uma oportunidade, a exibição teatral das suas qualidades.

Procurando fugir da realidade penosa, o histérico vai refugiar-se na moléstia; então fabula não só com o espírito, mas também com o corpo, através dos meios de expressão, e, súbitamente, para surpresa geral, entra em mutismo, exhibe perturbações da marcha, paralisias ou simplesmente crises nervosas.

Na criança, não encontramos a histeria sob a forma psicótica. A constituição mórbida, todavia, ressalta e, uma que outra vez, o menor manifestará estados depressivos, negativismo, traduzido pela recusa dos alimentos ou pelo mutismo e a fuga.

O estado crepuscular, o estupor e os fenômenos paralíticos são encontrados no adolescente e não revestem o polimorfismo do adulto, mais experimentado.

CICLÓIDES

Os ciclóides constituem personalidades fronteiriças; estão entre o ciclótico normal e o maniaco-depressivo, doente mental. A característica dominante é a oscilação do humor, indo da alegria à tristeza e condicionando sua atitude na sociedade.

São naturezas simples, cujas manifestações afetivas fluam à superfície, podendo ser facilmente apreciadas. Apresentam-se sob duas modalidades, os expansivos e os depressivos.

Os de afetividade expansiva, conhecidos como excitados ou hipomaniacos, têm um humor elevado, as associações rápidas e o gesto largo, expressivo; são alegres, de palavra fácil, ativos, práticos, dados à pilhéria e sociáveis. As vezes, o humor se polariza na irritabilidade e na cólera e, então, tornam-se irrequietos, disputadores, nem sempre guardando as conveniências.

O deprimido é o reverso da medalha: humor baixo, associações morosas e gesto lerdo. São tristes, desanimados, incapazes de um esforço físico ou intelectual; fogem às distrações e são crentes fervorosos. Na escola passam por apáticos ou preguiçosos. As repreensões e sanções exigem particular cuidado de quem as impõe para que se não carregue a sua consciência já culposa. Na puberdade, a alternância destes estados, depressivo e expansivo, explica certas mutações na conduta escolar. Crianças aplicadas tornam-se buliçosas, indisciplinadas ou desinteressadas.

Na criança domina a tristeza passiva, pois não há ansiedade resultante da dor moral.

A distímia, isto é, depressão ou excitação constitucional crônica, é de uma frequência impressionante na criança. Os deprimidos constitucionais têm uma aparência quase normal mas são amigos da solidão, ociosos e interpretam dolorosamente a natureza.

Muitas vezes o medo e sentimentos místicos os dominam; isto se dá por ocasião das tempestades, enterros, das cerimônias religiosas pomposas, entre muitas outras eventualidades.

Não há melancolia na criança. O suicídio, como exigência moral, não existe na criança, porque ela não conhece os seus valores. As causas do suicídio devem ser procuradas na família e na escola. O temor da punição, o medo dos exames e a influência da publicidade dos jornais devem ser lembrados. Eulenburg, em uma estatística por ele organizada, atribui a causas escolares 48% dos suicídios na infância.

PSICASTÊNICOS

O psicopata inseguro ou psicastênico caracteriza-se pela falta de confiança em si mesmo, porque o domina um sentimento inexplicável de insuficiência. São indivíduos muito honestos, escrupulosos e submetem a rigoroso exame cada uma das ações que praticam. Entre as suas características, destacamos a abulia, a dúvida, a inquietude, a depressão afetiva

e um certo grau de egoísmo. A posição do psicastênico tem sido discutida, sendo hoje situado entre o deprimido e o emotivo.

Na criança encontramos a psicastenia com os seus sintomas críticos: obsessões, fobias, impulsões e excitações. As crises se iniciam na idade escolar. Podemos reconhecê-las na escola pelos caprichos, a incontinência emocional, a falta de iniciativa e determinação, as dúvidas, os escrúpulos e a intransigência.

Raramente constituem formas graves. São mais frequentes na adolescência e raríssimas antes dos cinco anos. Assaltados por obsessões e fobias, os menores poderão manifestar pronunciada inquietude, mas não a verdadeira ansiedade. As fobias mais frequentes são as do contato, a da contaminação e a da escuridão, acompanhada de terror de ladrões, fantasmas e demônios.

Falamos de obsessão ou coação, quando a consciência é invadida por pensamentos dotados de carga afetiva penosa, impondo-se a atenção do indivíduo contra a sua vontade.

O psicastênico reagindo às suas dúvidas e temores, cria um sistema de defesa sempre visível dada a sua insistência: são gestos estereotipados, bizarros, revestindo o aspecto de tiques e inibições. Dai a organização de verdadeiros rituais na prática dos atos costumeiros.

ESQUIZÓIDES

O caráter do esquizóide é, contrariamente ao do ciclóide, bastante complexo.

Na aparência são graves, sensitivos ou frios, porém se procuramos penetrá-los, ir além da superfície, estudá-los na profundidade, tornam-se insondáveis.

O traço marcante desta personalidade é a perda do contato com a realidade. A afetividade é embotada ou angulosa e a vida interior riquíssima ou nula: problemáticos, extravagantes, sonhadores ou insensíveis.

Muitos já desde a infância se revelam, mas é na puberdade e na juventude que os seus rasgos se acentuam, alcançando o estado psicótico, a esquizofrenia.

Distribuiremos os esquizóides em três grupos: taciturnos, sensitivos e insensíveis.

Os primeiros, os taciturnos, são calmos, graves, egoístas e denotam uma conduta estranha, sendo eletivamente sociáveis. Na escola são com frequência bons alunos, perseverantes, aplicados, votados à vida espiritual e à ficção.

Os sensitivos são indivíduos de natureza delicada, sucessivos: não toleram as asperezas da vida sem um gesto de exagerada mágoa. São tímidos e nervosos; amam a natureza e os livros e têm um senso estético apurado. A tendência interpretativa é aumentada e desvirtuada, ao sabor da própria delicadeza de sentimentos. Românticos, entregam-se ao dezanho, buscando satisfações num mundo de quimeras.

Os insensíveis são dóceis, apáticos, associáveis, levando uma vida estéril, improdutiva.

INSTÁVEIS

Revelam compreensão fácil, boa inteligência, mas denotam falhas sensíveis: a debilitação da vontade e a dispersão atencional. Não persistem em esforço algum, e ao menor obstáculo, abandonam o que empreenderam. Como consequência, não chegam a adquirir conhecimentos sistemáticos, embora possam ser tomados como cultos, dada a sua mobilidade espiritual.

A vida afetiva é desordenada. Confiam exageradamente nas suas possibilidades e chegam a empreender alguma tarefa de maneira brilhante e promissora; em pouco, no entanto, se enfiam. Revoltam-se contra aquilo que acreditam ser exigência descabida e demandam nova ocupação. Se houver por parte dos pais ou educadores uma atitude firme e inteligente, corrige-se, ainda que parcialmente, a sua instabilidade.

São amáveis e sabem captar simpatias no ambiente através da dialética.

Vaidosos, pródigos, otimistas, têm pouca capacidade de resistência e estão sujeitos a reações depressivas alarmantes. Descambam com facilidade no vício.

EXPLOSIVOS E EPILÉTICOS AFETIVOS

Estes tipos têm como característica a triade: irritabilidade fácil, oscilações bruscas do humor e intranquilidade. Diferem dos instáveis pela possibilidade de manifestar reações exageradas e dêles se aproximam pela fraqueza da vontade. São amáveis, cavalheirescos ou mal humorados e desconfiados, porém por futilidades tornam-se rudes, coléricos, reagindo por "atos de curto-circuito".

Com certa frequência são interpretadores e, por episódios, acreditam-se perseguidos; tramam a sua perda, querem envenená-los, são preteridos por outros menos capazes...

Nas excitações fugazes cometem toda a sorte de excessos. Tornam-se trapaceiros, hebedores, turbulentos e exibem perversões. A consciência é lúcida em todas estas ocasiões e lamentam sinceramente suas práticas, quando tranquilos. Uma nonada, uma rixa em família, no entanto, já os revolta contra o arrependimento. Afora estas súbitas explosões, a curva da vida não sofre repercussão apreciável. Possuem inteligência vivaz e operam com êxito e por mais longo tempo do que os instáveis. Entre o explosivo e o epiléptico afetivo de Bratz e Leubschner existe uma diferença de grau.

PARANÓICOS, EPILETICOS E ENCEFALÍTICOS

O paranóico, na infância, evidencia os traços de sua constituição: egoísmo, valorização da personalidade, suscetibilidade e tendência interpretativa exagerada. Na escola são orgulhosos, desobedientes e autocritários com os companheiros, enquanto na família exercem uma pequena tirania. Se fraco, pode, por ciúme, rancor e inveja, trair os companheiros e comprometer a segurança dos que o cercam. Não são propriamente anti-sociais, mas podem constituir sério elemento de desordem; criam uma atmosfera de desconfiança no ambiente e conseqüente reação repulsiva, a traduzir defesa.

É muito raro que acusem na menoridade idéias de perseguição e delírios ambiciosos, porém, quando isto se verifica é impossível fixar o início do mal, mascarado por um delírio retrospectivo. Esta modalidade precoce da paranóia traz delírios genealógicos: interpretadores filiais. Estes tecem um romance em torno do próprio nascimento, cercado de mistérios. Foram substituídos no berço; afastaram-nos da sua muito nobre e rica família e não fossem estas iniquidades a sua situação social seria outra.

O epiléptico e o encefalítico apresentam, com alguma frequência, um caráter particular e distúrbios do senso moral, devendo ser considerados como anti-sociais. Serão estudados mais adiante, quando dos anormais por distúrbios neurológicos.

ANTI-SOCIAIS

Esta categoria de anormais tem sido discutida entre alienistas e criminologistas. As designações que se lhes têm dado são muitas: perversos instintivos, amorais, imorais, loucos ou cegos morais e tantas outras.

Desapiedadamente, foram apresentados como monstros, dotados de boa inteligência e privados do senso moral.

A anti-sociabilidade não constitui uma entidade mórbida particular e sim representa um aspecto clínico de imperfeições somatopsíquicas, muitas vezes adquiridas.

A criança tem não só inteligência, mas igualmente moral que se desenvolve com a idade cronológica. O menor, de início, identifica praticamente a noção do bem e do mal com o que é permitido e com o que é proibido. Depois, vem o senso do justo e injusto que até a adolescência é baseado em causas emotivas; e somente mais tarde se precisam as abstrações ideofetivas.

O valor moral dos motivos alegados em pesquisas mostra uma gradação ascendente, paralela à idade. Nos primeiros anos, contudo, podemos surpreender as inclinações perversas não menor, seja nos brinquedos, seja no contato dos irmãos e dos companheiros e no trato dos animais domésticos. A audácia, a violência e a crueldade marcam os seus gestos.

Esta projeção do menor no ambiente exige que, para o conceito da "idade pré-moral", se inclua o fator social. Assim, se os seus sentimentos morais e sociais não são organizados de modo a corresponder à idade do indivíduo, e se o procedimento não se harmoniza com o ambiente, diremos que o menor manifesta uma anormalidade moral.

A herança não traz uma impulsão específica ao crime como queria Lombroso, porém, um certo número de disposições perversas podem ser transmitidas pelos ascendentes psicopatas, epilépticos ou toxicômanos. Grande número de autores admite a "perversidade constitucional" e frisa a precocidade com que se manifestam as tendências perversas nos criminosos.

Na maioria das vezes, dizem, não há herança similar e simplesmente mórbida.

Renovada e enriquecida, a doutrina da herança ressurgiu com os modernos estudos biotipológicos. Lombroso, Ottolenghi e Carrara têm as suas velhas observações revolidas.

A escola italiana moderna, inspirada em Pende, trouxe nova diretriz, a das relações morfoendocrinológicas.

Healy não admite o delinquente-nato e adianta que o sucesso moral do delinquente depende da cura das suas moléstias e da sua incapacidade física. Traumatismos obstétricos, epilepsia, moléstias infetuosas e tóxicas e traumatismos cranianos são bastas vezes responsáveis pelas desordens da moral.

O déficit da inteligência poderá predispor à delinquência, mas não a explica exclusivamente. Mais importante é a influência do meio. O abandono moral, a influência das más

companhias, as leituras licenciosas, os romances policiais e o cinema influem de maneira desastrosa, porém, não trazem anomalias permanentes.

Os perversos, menores normais do ponto de vista biopsíquico, manifestam reações anti-sociais sob a influência exclusiva do ambiente. São reeducáveis e devem ser considerados falsos anormais.

Em suma: distúrbios do caráter, meio miserável e possível déficit intelectual, mesclam-se em proporções variáveis, agravados ou condicionados por uma herança mais ou menos psicopática, gerando o anti-social. Não intervêm um fator único. Em um meio de baixa moral, uma criança torna-se delinquente e os irmãos conservam-se honestos. A delinquência é um fenômeno biológico-social e exige muita prudência na sua apreciação. Nada tem de absoluto a noção do delito e o seu estudo pouco informa sobre o delinquente, pois o delito fixa somente um ponto na curva da delinquência. Leve-se em conta que a noção da propriedade é muitas vezes imprecisa no menor.

Até a puberdade o menor qualificado vagabundo, ladrão, violento, sexual ou depreciador, incorre em motivos de natureza patológica (oligofrenia, epilepsia, esquizofrenia). No adolescente, intercorrem elementos de ordem mesológica e constitucional, mais do que mórbida. As sanções são menos rigorosas e os tribunais buscam antes medidas educativas do que penais.

No adulto intervêm fator constitucional e o patológico (alienado-delinquente) ou fatores sociais aliados ao constitucional.

Concluimos que na infância quase toda delinquência é mórbida e que na adolescência pode haver delinquência não mórbida, isto é, não reconhecendo na sua determinação enfermidades físicas, e tão pouco moléstias psicogenas classificáveis.

A imprecisão dos tipos de delinquente é devida à intercorrência de vários fatores, como acabamos de ver. Isto vem explicar a dificuldade em classificá-los.

Di Tullio distingue os "ocasionais" ou ambientais, compreendendo menores em estado de abandono moral e menores desgarrados, e "constitucionais", incluindo os menores portadores de distúrbios psíquicos, com disposições criminais e menores de constituição perversa com sintomas neuro-psicopáticos ("constituição delinquencial").

Collin et Rollet distinguem o "tipo social", de educação passiva ou ativamente má e o "tipo patológico", englobando os portadores de uma tara mental: oligofrênicos, perversos, insulínicos, hísticos, epiléticos, ciclóides, encefalíticos e outros.

Outrora acreditava-se que o desenvolvimento da criança fosse presidido pela lei da herança; hoje o fator mesológico é valorizado. A criação não é escrava da cadeia ancestral.

A antropologia, imprimindo estigmas rígidos à personalidade, cedeu ante o fator pedagógico. A escola para os normais é o lugar onde os impulsos herdados encontram a atmosfera favorável ao seu desenvolvimento harmônico. Para os anormais é o lugar onde serão combatidos os fatores que ocasionam a anormalidade. Tal é o pensamento de Demoor.

Enquanto o anormal pedagógico se beneficia grandemente na escola, o anormal psíquico propriamente dito tira menor proveito e exige escolas bastante especializadas, porque o defeito reside não só na educação, mas na sua própria estrutura.

Os métodos de reeducação do anormal do caráter constituem tarefa mais difícil do que para os anormais da inteligência e devem repousar sobre conhecimentos precisos do terreno biológico e da constituição psicológica.

Parece à primeira impressão, difícil grupá-los para a aplicação dos métodos de ensino. Pode, contudo, estabelecer-se indicações gerais na sua assistência.

É imprescindível a consulta médico-psicológica para que se não agrupem casos disparatados.

Para orientar, convenientemente, o anormal psíquico devemos conhecer o seu tipo mental, o seu feitio moral e as suas reações e aptidões.

A escola ordinária, para os anormais, é inconveniente, porque prejudica os discípulos que não acompanham o curso. Ter nas escolas ordinárias classes especiais, seria uma solução, embora constituindo uma dependência secundária de um organismo regular.

Melhor seria que se organizassem escolas auxiliares, entidades providas de organização própria, orientadas exclusivamente num sentido, o da assistência a anormais. Estas escolas comportariam também os oligofrênicos educáveis.

A assertiva "os anormais devem permanecer em contato com os normais para que se modelem no exemplo dos últimos" é temerária; não aproveitam e prejudicam.

Em escola própria, guardam melhor equidade e têm métodos adequados às suas deficiências.

Poder-se-ia lembrar que uma criança num estabelecimento destes tivesse um certificado de indigência intelectual ou mo-

ral, mas devemos adiantar a possibilidade de tornar educáveis, proveitosas à sociedade, crianças cuja inferioridade é remota total ou parcialmente.

A escola auxiliar deve estar em íntima ligação com as escolas ordinárias, gozando contudo de grande liberdade de ação.

Sómente depois da investigação médica e pedagógica, a direção resolve sobre o ingresso provisório, definitivo ou a volta ao estabelecimento de origem.

O programa de ensino fundamenta-se na intuição e na observação. As crianças devem aprender a ver, ouvir, refletir e querer.

A educação física ocupa lugar destacado. A ginástica proporciona um desenvolvimento harmônico da criança, dando-lhe firmeza e precisão. A atenção dispersiva e a vontade débil melhoram, porque a criança é uma unidade biológica. A cisão em vida física, intelectual e moral é um artifício.

Balneação, natação, trabalhos manuais e excursões completam o tratamento físico.

Nas escolas, onde é usada a ginástica rítmica, os exercícios são dirigidos pelo piano e o canto. Suas vantagens são sensíveis; as crianças mostram-se alegres, exercitam a atenção e educam o ouvido.

A educação literária, a cívica e a moral são feitas através da leitura, de lições e palestras. A matemática é representada pelo cálculo, pelo estudo dos pesos, outras medidas e pelas formas geométricas.

Não é descurada a educação estética: a música, a dança, o desenho e a modelagem são usuais. Deve ser evitada a fadiga. O ensino será o mais saudável possível, representando a leitura e a escrita o complemento das lições sobre a natureza, de trabalho manual e de educação social.

Os professores serão voluntários e devem ter determinadas qualidades. Farão sua iniciação teórica e prática na própria escola, assistidos por colegas especializados.

A assistência aos perversos é mais severa e a vigiância mais cerrada para que não sigam o vício. Pouco adiantam os longos discursos sobre a moralidade. Tudo se limita ao exemplo e à educação apropriada. A ociosidade é perniciosa. As escolas especializadas para os anti-sociais obedecem o sistema do semi-internato ou do internato.

No primeiro caso, entram pela manhã e saem ao cair da tarde; sendo, pois, o meio corruptor compensado pela escola. Ai permanecem cerca de um ano e voltam à escola ordinária.

Se reincidem vão para o internato. Há disciplina mais rigorosa, mas um ambiente agradável com parques, jardins, amplas oficinas e belos dormitórios.

São orientados em uma profissão. Os alunos não mostram desgosto na escola, mas preferem deixá-la.

Em última instância, intervem o tribunal, e os pais são obrigados a deixar os filhos por dois ou mais anos. Evitam-se na medida do possível os estabelecimentos ditos correccionais.

Está claro que uma tal organização só é possível em centros populosos. Os oligofrênicos são separados dos anormais do caráter. Em todos os casos as instituições guardam o caráter de escolas.

O médico, estudando as capacidades do indivíduo, procura estabelecer a relação existente entre a totalidade das funções e se esforça em descobrir a estrutura do menor.

O educador procura determinar a situação social da criança, exalta-lhe o sentimento do próprio valor, tornando-a capaz de agir com harmonia e independência na vida.

O médico é movido pelo princípio da casualidade e o pedagogo pelo princípio da finalidade.

A direção e a extensão da transformação interior da criança serão estabelecidas pelo exame médico, mas a tarefa da execução, a parte mais nobre, repousa na atividade do pedagogo.